

## *Apresentação*

BELCHIOR MONTEIRO LIMA NETO<sup>1</sup>

Organizador

Em meados do **século XIX**, Hegel (1995, p. 174), em sua *Filosofia da História*, exprimia uma percepção extremamente pessimista em relação à História da África: “[a África] não faz parte da história do mundo. Não tem [...] progressos a mostrar, movimentos históricos próprios”. A visão de Hegel acerca do continente, sobretudo de sua parte subsaariana, negava a possibilidade de sua historicização, colocando-o na posição de figurante de um passado centrado na Europa. Ecos da perspectiva hegeliana ainda repercutiam nos meios acadêmicos em pleno século XX, como demonstra Fage (2011, p. 8-9), ao reproduzir a fala do famoso professor de Oxford, Sir Hugh Trevor-Roper, que afirmara, em 1963, não haver uma História da África, mas tão somente a dos europeus no continente.

Carlos Lopes (1995), em seu clássico artigo *A pirâmide invertida: historiografia africana feita por africanos*, explicita a existência de três grandes correntes historiográficas associadas aos Estudos Africanos, cada qual, segundo ele, ligada a um contexto político/acadêmico próprio: a denominada

---

1. Professor de História da África do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo, Coordenador e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas (Ufes). Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, seção Espírito Santo (Leir/ES), tendo pesquisa financiada pelos Editais Universais do CNPq e Fapes.

corrente da inferioridade, identificada com o período colonial em África; a da superioridade, associada ao pan-africanismo e à descolonização; e o que o autor guineense intitulou de novos estudos acerca do continente, que se aproximam, em grande medida, de perspectivas interpretativas pós-estruturalistas.

A corrente da inferioridade africana, fruto de décadas de dominação colonial, seguia os marcos teóricos do paradigma hegeliano, marginalizando a África como apêndice da História Universal. Contrapondo-se a esta visão, os historiadores identificados com a corrente da superioridade, emergente no decorrer do processo de descolonização do continente, buscaram promover a valorização dos Estudos Africanos, sem, contudo, romper com categorias caras aos seus predecessores, reproduzindo, a partir de novas argumentações, a antiga dicotomia colonizador/colonizado, europeus/africanos. Não à toa, Lopes associou os historiadores da corrente da superioridade africana ao que ele representou como uma pirâmide invertida, uma vez que refutavam o discurso colonial, substituindo-o por um similar nacionalista e pan-africano.<sup>2</sup>

Nas três últimas décadas, novas perspectivas, menos “politizadas” e influenciadas por um viés pós-estruturalista, ganharam força na africanologia, destacando-se autores com investigações relacionadas a temáticas multifacetadas e identificadas com a Nova História Política e Cultural, atuando em pesquisas concernentes às mais diversas cronologias. Pode-se destacar, no conjunto de uma historiografia cada vez mais extensa,

---

2. A despeito das críticas de Lopes (1995), os historiadores filiados à corrente da pirâmide invertida, com destaque para Diop, Ki-Zerbo e Niane, foram responsáveis pela constituição de um campo historiográfico dinâmico e autônomo, levando a cabo, ademais, a publicação de um importante projeto editorial patrocinado pela UNESCO, ou seja, a coleção *História Geral da África*, que, em oito volumes, esquadrinha a história do continente, da Antiguidade à época contemporânea.

nomes como Paul Gilroy (2001), John Thorton (2004), Linda Heywood (2017), no que tange aos períodos moderno e contemporâneo; e David Mattingly (1994; 2003), Claude Lepelley (2016) e Elizabeth Fentress (2018), com trabalhos devotados à Antiguidade africana. *Grosso modo*, é possível identificar, como ponto de convergência destas variadas análises, o papel ativo e dinâmico ocupado pelos africanos na construção de sua história, enfatizando o continente como fundamental na constituição do passado da humanidade.

A atuação dos africanos na História serviu de fio condutor das discussões levadas a cabo neste dossiê. O atual **número da revista** *Dimensões*, devotado aos *Estudos africanos: novas perspectivas historiográficas*, é, sem sombra de dúvida, fruto de um contexto de grande impulso da africanologia no Brasil. Nos últimos 16 anos, com a promulgação da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de História da África e da cultura afro-brasileira nas escolas, a historiografia africanista se consolidou como uma área de vanguarda nas pesquisas acadêmicas, dando vazão a uma série de livros, coletâneas, artigos, dissertações e teses. No decorrer deste crescimento editorial, os historiadores vêm redefinindo o papel e a participação dos africanos e de seus descendentes na História, revelando uma demanda crescente por novos conhecimentos acerca do continente, fato que, inevitavelmente, auxilia na consolidação de um campo do saber histórico antes relegado ao esquecimento.

## REFERÊNCIAS

- FAGE, J. D. A evolução da historiografia africana. In: KI-ZERBO, J. *História geral da África: metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Cortez, 2011, p. 1-23. v. 1.
- FENTRESS, E. *Volubilis après Rome*. Boston: Brill, 2018.
- GILROY, P. *O Atlântico negro*. Rio de Janeiro: Edições 34, 2001.
- HEGEL, F. *Filosofia da História*. Brasília: UnB, 1995.
- HEYWOOD, L. *Njinga of Angola: Africa's warrior queen*. Harvard: Harvard University Press, 2017.
- LEPELLEY, C. Os romanos na África ou a África romanizada? Arqueologia, colonização e nacionalismo na África do Norte. *Heródoto*, v. 1, n. 1, p. 418-437, 2016.
- LOPES, C. A pirâmide invertida: historiografia africana feita por africanos. *Colóquio Construção e Ensino da História da África*. Actas... Lisboa, 1995, p. 21-29.
- MATTINGLY, D. J. *Tripolitania*. Michigan: The University of Michigan Press, 1994.
- MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan: Synthesis*. London: Society for Libyan Studies, 2003. v. 1.
- THORNTON, J. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.